

## PÁTRIA DE GRAVATA

### TIE HOMELAND

Helcio Herbert Neto

Universidade Federal Fluminense

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4168-0749>

DOI: 10.9771/contemporanea.v23i1.64941

### RESUMO

A questão racial percorre a história da popularização do futebol no Brasil. Ao tratar do esporte, a filósofa Sueli Carneiro aponta para os atravessamentos políticos da discriminação: ora em escritos de maior fôlego; ora em publicações esparsas. O propósito deste artigo é acompanhar como a modalidade aparece em colunas na década de 2000 do *Correio Braziliense* com a autoria da pensadora. Os textos permitem o exame de relações entre o combate ao preconceito e tradições partidárias que permearam o cenário eleitoral brasileiro durante o século XX. A partir do estudo, será possível ainda compreender como a atuação na imprensa se articula com conceitos como o de dispositivo da racialidade no conjunto de sua obra, inclusive com relação ao universo futebolístico.

**Palavras-chave:** Sueli Carneiro, futebol, *Correio Braziliense*, dispositivo da racialidade.

### ABSTRACT

The racial issue runs through the history of the popularization of football in Brazil. When dealing with sport, Sueli Carneiro points to the political crossings of discrimination: sometimes in longer-winded writings; sometimes in scattered publications. The purpose of this article is to follow how the modality appears in columns in the 2000s of *Correio Braziliense* written by the philosopher. The texts allow the examination of relationships between the fight against prejudice and party traditions that permeated the Brazilian electoral scenario during the 20th century. From the study, it will also be possible to understand how his work in the press is articulated with concepts such as the device of raciality in his work as a whole, including in relation to the football universe.

**Keywords:** Sueli Carneiro, football, *Correio Braziliense*, device of raciality.

“A ‘pátria de chuteira’ sempre foi melhor do que a ‘pátria de gravata’<sup>1</sup>” (Carneiro, 2002)

Colunas da filósofa Sueli Carneiro no *Correio Braziliense* durante os anos 2000 demonstram o interesse da autora pelo universo do futebol. E, assim, surgem expressões que compõem o dia a dia de quem acompanha a modalidade no Brasil: a exemplo da que confere ao país o epíteto de pátria de chuteira. Em paralelo a isso, os registros demonstram como o pensamento da autora se impõe, com destaque para as circunstâncias que conservam o preconceito racial. A referência aos executivos das confederações esportivas e ao poder em âmbito municipal, estadual e federal assinala os atravessamentos políticos na modalidade. De certa maneira, essa conjugação oferece indicativos sobre a atuação da própria colunista, que combina formulações teóricas e intervenções na vida pública.

Sob o horizonte do futebol, a proposta deste artigo é examinar as colunas da filósofa no *Correio Braziliense* durante a década de 2000. Enquanto a ideia de pátria de chuteiras foi popularizada pelo comentarista e dramaturgo Nelson Rodrigues (2014), a associação entre o país e a modalidade tem sido problematizada por trabalhos acadêmicos (Helal; Soares, 2003; Bartholo; Soares; Salvador *et al.*, 2010). Embora a seção no veículo impresso do Distrito Federal não se ativesse exclusivamente ao esporte, com ênfase para as pautas então em voga em Brasília, há traços decisivos para o entendimento da inserção do universo futebolístico no panorama conceitual de Carneiro.

Para enfrentar esse conjunto documental, é atrativa a aproximação com outros esforços para avaliar a participação de intelectuais, em contato com o futebol, na imprensa no mesmo recorte temporal (Herbert Neto, 2024a). Nessa abordagem, o enfoque se direciona para o trânsito de valores políticos, quando o esporte aparece atrelado a disputas sociais e culturais (Herbert Neto, 2024c). Foram selecionados dez textos do *Correio Braziliense* que ou tratavam diretamente das modalidades, ou muniavam profundas discussões sobre as circulações de ideias nesse mesmo cenário. Os meios de comunicação despontam, assim, como espaços de conflitos para a compreensão da realidade brasileira (Herbert Neto, 2024b).

As colunas vieram a público em um intervalo que compreende os anos de 2002 a 2006. O período é significativo para o entendimento da obra da escritora por anteceder a presença mais efetiva no mercado editorial, com os consecutivos lançamentos de sua

---

1 Coluna “Penta”, publicada na pág. 5 da edição de 28 de junho de 2002 do *Correio Braziliense*

autoria (Carneiro, 2011; 2019; 2023; 2024; Carneiro *et al.*, 2022). Trata-se ainda de um hiato de vitórias marcantes para o esporte nacional, que transcenderam o próprio futebol e podem ter impulsionado a colunista para esse direcionamento. A influência sobre outros setores da sociedade, de movimentos sociais a tendências da música radiofônica, também lança luz sobre a produção da filósofa durante o mesmo momento e oferece expressivas sinalizações.

As principais comentadoras a respeito da filósofa não se debruçam detidamente sobre esses entrecruzamentos com o esporte (Santana, 2021; Frasteschi, 2023). Isso acontece a despeito do tardio, mas crescente interesse pela sua obra. A ausência é sobretudo sensível pela aderência do futebol no segmento a que Carneiro se dedica com entusiasmo: a juventude negra. As disputas em torno da modalidade, flagradas por Hollanda (2010), ganham com o recorte privilegiado pela autora outras nuances - em dimensões que alcançam o caráter excludente dos principais torneios profissionais no Brasil, com implicações para treinadores e jogadores de alto rendimento (Almeida, 2022).

Diante dessas considerações, três seções serão desenvolvidas após esta breve apresentação. A primeira contextualiza a paisagem conceitual de Carneiro e a aproxima da discussão a respeito do futebol brasileiro. Apesar de não dedicar um livro, por exemplo, ao tema, as menções da filósofa são recorrentes e merecem atenção. A segunda aprofunda a avaliação específica das colunas, para que sejam notadas as tensões que a autora suscita com os ataques ao racismo, constitutivo para certas concepções de identidade nacional, revisões à inserção da modalidade no desenvolvimento do país e, por conseguinte, também para a brasilidade. A terceira, enfim, congrega as considerações finais.

## **CARCOMIDAS PRÁTICAS: DA PÁTRIA DE CHUTEIRAS À PÁTRIA DE GRAVATA**

Sueli Carneiro se insere em uma frente de intelectuais que, na segunda metade do século XX, oferecem argumentos para a ruptura com um dos alicerces para a identidade nacional - a questão racial<sup>2</sup>. Em consonância com essa proposta estão, por exemplo, Ramos (2023), González (2020) e principalmente Nascimento (2016). Como escritor, o último autor se consolidou na posição de firme opositor do conceito de mulato, considerado

---

2 Movimentações da ONU para o reconhecimento do impacto do racismo para os direitos humanos em países como o Brasil despertam elogios da coluna publicada na pág. 5 da edição de 26 de julho de 2002 do Correio Braziliense.

uma forma velada de violência<sup>3</sup> a colaborar para a exclusão dos negros e da cultura afro-brasileira (Ibidem). Enquanto militante, serviu até mesmo de inspiração para a trajetória de Carneiro (Santana, 2021, p. 13). A proximidade dos dois se manifestou intelectualmente, mas teve consequências para o ativismo (Figura1).

**Figura 1:** Nascimento (no centro) e Carneiro (à esquerda) com líderes do movimento negro



Fonte: Acervo Sueli Carneiro - [acervo.casasuelicarneiro.org.br/item/arquivo/asc\\_004805](http://acervo.casasuelicarneiro.org.br/item/arquivo/asc_004805).

Certa compreensão sobre democracia racial, expressão utilizada por Freyre na maturidade<sup>4</sup>, orienta essa contraposição. À ideia de convivência amigável entre negros, indígenas e europeus, esses autores interpõem referências às sistemáticas formas de violência registradas, seja no Brasil republicano, seja num passado monárquico mais remoto. É permitido enxergar na conciliação, alvo de críticas, permanências da defesa da mestiçagem elaborada por Freyre (2003). No futebol, o mulato - síntese do suposto processo histórico de congregação - é decisivo. À primeira vista, porque o autor diferenciou o modo pelo qual os brasileiros praticam a modalidade com base em aspectos da negritude, especialmente na comparação com o hemisfério norte (1938) em texto basilar para a construção desse pretense estilo peculiar, apresentado em campo pelos jogadores (Gumbrecht, 2014). Há, inclusive, implicações determinantes disso para o comportamento da cobertura esportiva no século XX (Rodrigues Filho, 2010). Não à toa, chegou a ser considerado que foi erigido, com o esporte, um freyrismo popular (Soares, 2003).

3 O tema da violência é recorrente nas colunas - sempre com ênfase para o recorte racial. É possível mencionar, por exemplo, a crítica à ausência de referências a políticas de segurança pública na coluna publicada na pág. 5 da edição de 9 de agosto de 2002 do Correio Braziliense.

4 A vulgata dessas impressões consta no episódio da série Inventores do Brasil, disponível no Canal Brasil em: [canaiglobo.globo.com/assistir/c/p/v/5003116/](http://canaiglobo.globo.com/assistir/c/p/v/5003116/). Acesso em 8 de dezembro de 2024.

As apropriações de Freyre vão dar vazão a inclinações díspares (Herbert Neto, 2021): das conservadoras e autoritárias às democráticas e até subversivas. Rodrigues (2021) e sua defesa do governo instituído pelo golpe de 1964 representariam feições hidrófobas dessa tendência, mas não é possível menosprezar o contato de Ribeiro com essa perspectiva (Ribeiro, 2014). A proposta tutelada de integração às camadas urbanas, inerente ao pensamento freyriano, é substituída por propostas radicais para inclusão dos negros e para reafirmação da negritude - com consequências para a maneira como o futebol passa a ser observado (Herbert Neto, 2023). Isso acarreta tensionamentos constantes na rotina de gente comum e nas instâncias decisórias (Herbert Neto, 2025). É o problema ao redor desse preconceito que norteia toda a produção de Carneiro.

Ao elaborar o dispositivo da racialidade, a autora explica como essas reações se dão no interior de estruturas que deveriam representar anseios populares: “Ao pânico dos brancos por agrupamentos exclusivos de negros, corresponde o pânico dos negros de serem acusados de ‘racismo ao contrário’, de ‘divisionistas’, de perder seus lugares nas estruturas sindicais e partidárias por ‘radicalismo étnico’” (Carneiro, 2023, p. 332). A ascensão desses interesses faz emergir diferentes comportamentos - “Revela insegurança dos negros, por professar uma ideia de aliança de classe e de raça em que a subalternidade política é a moeda de negociação” (Ibidem). Contribui inclusive para evitar ações radicais: “Revela, ainda, a crença em mudanças lentas, graduais e seguras, isto é, sem conflito aberto, e uma adesão a um contrato racial que, não obstante, distribua migalhas de poder, consolida a subalternização” (Carneiro, 2023, p. 332).

O recurso à filosofia foucaultiana foi uma alternativa para o seu trabalho. Comentadores chamam a atenção para as fases distintas do pensamento de Foucault (Eribon, 1990; Veyne, 2011), por isso é necessário enfatizar que é na história da sexualidade que Carneiro se ampara para desenvolver suas formulações. Sobretudo, no primeiro livro da série dedicada ao tema (Foucault, 1999). Em comum com o filósofo francês, está a percepção de que as resistências são imanentes, ainda que a conjuntura brasileira venha a impor modos de subjetivação reducionistas: “Para uma sociedade que se deseja branca e civilizada nos parâmetros da cultura ocidental, o corpo negro é, em si, uma transgressão. O tipo ideal é, então, o negro de alma branca, ou seja, um negro ajustado, governado por um alter ego branco” (Carneiro, 2023, p. 337).

A violência se estende por séculos, em formas mais ou menos veementes, carregadas de preconceito. “Identidade folclorizada, fixação da identidade: esses são alguns dos modos

de subjetivação disponibilizados pelo dispositivo de racialidade. Em relação a cada um deles, constroem-se expectativas de comportamento moral.” (Carneiro, 2023, p. 337). A autora lista essas reduções depreciativas: “Pai Tomás e a mãe preta (os negros ‘de alma branca’, submissos e portadores de lealdade bovina a seus superiores); o malandro e a mulata (negros espertos, portadores de sexualidade exacerbada e moralmente flexíveis ou ambíguos)” (Ibidem). O enquadramento não se esgota nessas figuras desviantes, estigmatizadas na cena urbana, mas se expande para outras. “O menor e o marginal (expressões do negro como perigo, negros violentos e implacáveis); o negro entertainment (jogadores de futebol, artistas, os negros símbolos da democracia racial)” (Ibidem). A menção ao universo futebolístico passa longe de ser um fato isolado, localizado apenas nessa relação de tipos para delimitar a presença da negritude no interior da sociedade.

Carneiro prossegue: “os negros elitizados (aqueles que, à boca pequena, os brancos dizem que os ‘macaqueiam’); o intelectual subalterno; o excepcional; o ativista” (2023, p. 337). A autora é reconhecida pelo ativismo e pela atuação no Geledés - Instituto da Mulher Negra. A entidade tem na intelectual uma de suas fundadoras e desempenhou funções consideráveis na promoção de ações diretas (Santana, 2021), a exemplo do debate para implementação de políticas afirmativas para as universidades públicas<sup>5</sup>. É incontornável pontuar o alcance das iniciativas para dar conta da rubrica que acompanha todas as publicações no *Correio Braziliense*: os textos vieram a público sempre com a assinatura que reforçava a condição de diretora da instituição<sup>6</sup>.

Antes da virada para o novo milênio, ações coordenadas pela autora reuniram a incipiente cena musical do rap de São Paulo para alertar sobre a emergência de supremacistas brancos na cidade, com a finalidade de incentivar a formação de uma consciência racial (Santana, 2021, p. 189). Racionais MC’s, grupo formado pelos rappers Mano Brown, KL Jay, Ice Blue e Edi Rock, foi profundamente influenciado por esses encontros<sup>7</sup>: o conjunto batizou seu disco lançado em 1990 de *Holocausto Urbano*, em metáfora ao genocídio negro no Brasil. (Taperman, 2015, p. 65). Se o gênero musical tomou a pauta como prioritária, a postura do conjunto tem nisso um diferencial perceptível (Oliveira, 2017; Martins, 2015).

5 Coluna “Nós?”, publicada na pág. 5 da edição de 22 de fevereiro de 2002 do *Correio Braziliense*, levanta a discussão sobre as cotas nos primeiros momentos da colaboração para o jornal.

6 As assinaturas também a creditavam como pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

7 Comentários proferidos durante a entrevista em áudio com Sueli Carneiro confirmam essa influência. Disponíveis em: <<https://bit.ly/3MSuS10>>. Acesso em 18 de abril de 2023.

Santana (2021) reforça o pioneirismo de Carneiro na separação de indicadores, com a finalidade de diferenciar dados censitários ou de violência urbana, por exemplo. A partir dessa proposta, a discrepância na comparação com a população branca fica mais evidente. Direto, o texto publicado em 7 de novembro de 2003 exemplifica isso ao se deter ao índice de homicídios contra jovens negros no Brasil<sup>8</sup>. A análise na publicação do Distrito Federal não foi exclusividade da ocasião: seria, no futuro, um recurso para comunicar o nível de agressividade contra essa população. Entretanto, o texto relata a experiência pioneira em uma manifestação dentro de um *shopping center* - em ato que, na década seguinte, passaria a ser chamado de rolezinho e provocaria novamente reações conservadoras exaltadas (Pinheiro-Machado; Scalco, 2018).

## CARTÃO VERMELHO: FUTEBOL NA COLUNA DO CORREIO BRAZILIENSE

A edição do *Correio Braziliense* mencionada<sup>9</sup> não tem citações ao esporte, mas assinala feições significativas de execuções múltiplas da negritude que vão aparecer recorrentemente e se desdobrar para questões sociais. Com relação ao futebol, as referências são menos incisivas e pressionam para um olhar cauteloso, inclusive para o específico contexto mencionado. A visão sutil que as competições esportivas propiciam, entretanto, exigiu um repertório distinto da colunista: é instigante seguir a repercussão dos megaeventos esportivos no período - até porque é um intervalo em que as delegações brasileiras convivem com a projeção internacional por conta de bons resultados.

É o caso da primeira Copa do Mundo masculina de futebol do milênio, com sede compartilhada por Japão e Coreia do Sul. Às vésperas da conclusão da competição, a coluna foi direcionada à modalidade. “A seleção Argentina deixou precocemente a disputa do Mundial. Me pareceu um mau presságio”, alertou Carneiro ainda em 28 de junho de 2002<sup>10</sup>. O time que representava o país vizinho havia chegado com favoritismo ao torneio, mas foi eliminado precocemente: “Quando nem o futebol consegue, como é de sua tradição, cumprir a sua função ilusionista, em especial para os países sul-americanos, de aliviar, ainda que por momentos fugazes, as dores sociais, estamos com sérios problemas”.<sup>11</sup>

8 Com o título “Juventude Negra”, a coluna foi publicada na pág. 17 da edição de 7 de novembro de 2003 do *Correio Braziliense*.

9 *Ibidem*.

10 Sob o título “Penta”, a coluna foi publicada na pág. 5 da edição de 28 de junho de 2002 do *Correio Braziliense*.

11 *Ibidem*.

Há uma aproximação com Santos (1981) e, principalmente, com Ramos (1984) na inclinação por flagrar implicações políticas. Ambos identificam, cada um a seu modo, o caráter de dominação que essa modalidade exerceu no Brasil, desde o século XX, com a expansão dos meios de comunicação de grande alcance. Haveria, assim, um instrumento de manipulação a serviço de interesses alheios às camadas excluídas. Esse viés proporciona a compreensão de que o futebol simplesmente inebria os torcedores que, engajados nas disputas esportivas, estariam distantes das principais questões da realidade social. O prisma maniqueísta é rapidamente superado pela filósofa na coluna (Figura 2).

**Figura 2:** Coluna de Carneiro publicada dois dias antes da final da Copa do Mundo de 2002

# Penta

**G**osto de futebol e bem jogado. Acreditava como muitos que de todas as seleções na disputa deste Mundial, a Argentina era a que apresentava um futebol dos melhores e "pintava" como uma das grandes favoritas ao título. E, com o agravamento da situação econômica e política daquele país, considerava que caberia à seleção argentina oferecer um lenitivo a seu sofrido povo. Conhecemos a garra portenha e, diante da crise enfrentada pelo país, somente a "pátria de chuteiras" poderia resgatar o combalido orgulho do povo.

Surpreendentemente nada disso ocorreu e a seleção da argentina deixou precocemente a disputa. Pareceu-me um mau preságio. Quando nem o futebol consegue, como é de sua tradição, cumprir a sua função ilusionista, em especial para os países sul-americanos, de aliviar, ainda que por momentos fugazes, as dores sociais, estamos com sérios problemas. Porque parece que a gravidade da crise é de tal magnitude que nos é tirado até o direito de nos iludir.

A pátria de chuteiras sempre foi melhor do que a pátria de gravata. Por isso amamos Maradona — apesar de toda a histórica rivalidade de nosso futebol e de sua petulância tipicamente argentina de considerar-se melhor que Pelé. Amamos os Ronaldinhos e Rivaldos porque eles expressam o melhor de nós, a nossa capacidade de resistência e superação das dificuldades e limitações que, em geral, estão presentes em nossas histórias e de nossos grandes craques.

**QUANDO NEM O FUTEBOL CONSEGUE CUMPRIR A SUA FUNÇÃO ILUSIONISTA, EM ESPECIAL PARA OS PAÍSES SUL-AMERICANOS, DE ALIVIAR AS DORES SOCIAIS, ESTAMOS COM SÉRIOS PROBLEMAS**

de nossa impotência social voltasse novamente a se manifestar. Cada vez que esses meninos pobres, negros, sem perspectiva na vida emergem para o estrelato do futebol, renovam a esperança de todos os que vivem nas mesmas condições. Fazem cada um sonhar que é possível. Quando cada um deles fracassa, leva-nos de volta aos nossos becos sem saída.

A trajetória da seleção brasileira nesta Copa combina com as intermitências que vivemos. Com a disparada do risco Brasil e o sobe-e-desce do dólar, passei a temer que estava reservado à nossa seleção destino semelhante à da Argentina e nos fosse roubada a alegria e a ilusão do penta, para nos obrigar a compreender ou "realizar", como preferem os psicanalistas, a gravidade da situação do país. Prefiro encarar isso com o penta.

Os cartolas não o merecem, os políticos menos ainda, mas o povo brasileiro e o sul-americano precisam e merecem continuar acreditando que há lugar para a criatividade, para o talento individual, para a esperança e que, apesar da insensibilidade e tirania do mercado, da inoperância e subserviência de nossos políticos e do descabro da situação social, a escola sul-americana de futebol, por meio dos craques brasileiros, continua dizendo ao mundo que a habilidade, criatividade e competência que mostramos no futebol é a mesma presente em nossos povos, que, infelizmente, como disse uma vez um festejado dirigente latino-americano, "nunca tiveram governantes a sua altura".

Em tempo. Seja qual for o resultado do jogo de domingo, faltou um R — Romário!



**POR SUELI CARNEIRO**

SUELI CARNEIRO É PESQUISADORA DO CNPQ E DIRETORA DO GELEDÉS, INSTITUTO DA MULHER NEGRA

Fonte: Pág. 5 da edição de 28 de junho de 2002 do Correio Braziliense.

A situação social da América do Sul, para a autora, era tão difícil que nem mesmo o esporte havia conseguido aliviar os problemas argentinos. "Porque parece que a gravidade

da crise é de tal magnitude que nos é tirado até o direito de nos iludir.”<sup>12</sup> Inicialmente, Carneiro transpõe essa dicotomia ao defender a solidariedade continental, já que a equipe brasileira ainda permanecia na disputa. Embora discorra sobre a outra seleção sul-americana, a discussão começa a ser encaminhada para os desafios brasileiros: “A ‘pátria de chuteira’ sempre foi melhor do que a ‘pátria de gravata’. Por isso amamos Maradona - apesar de toda a histórica rivalidade de nosso futebol, e de sua petulância tipicamente argentina de considerar-se melhor que Pelé”.<sup>13</sup>

A colunista se vale de uma figura de linguagem para demarcar um primeiro corte. A modalidade costuma mobilizar, durante os Mundiais, representações coletivas - a ponto de a metáfora da pátria de chuteiras continuar frequente (Helal; Cabo, 2014). Carneiro empreende uma alteração: ao diferenciá-la do Brasil engravatado, em clara alusão aos setores mais influentes, desmembra a identidade nacional, monolítica, que costuma ser acionada de quatro em quatro anos, quando as competições acontecem. O ataque se centra em executivos que administram o esporte: “Os cartolas não o merecem, os políticos menos ainda, mas o povo brasileiro e sul-americano precisa e merece continuar acreditando que há lugar para a criatividade, para o talento individual, para a esperança”.<sup>14</sup>

Dá a entender ainda que as considerações podem ser válidas para argentinos. Carneiro avalia que, mesmo com a tirania de um mercado insensível, com a falta de efetividade e a subserviência dos políticos da região e, conseqüentemente, a gravidade da crise social, “a escola sul-americana de futebol, através dos craques brasileiros, continua dizendo ao mundo que a habilidade, criatividade e competência que mostramos no futebol é a mesma presente em nossos povos”.<sup>15</sup> Ao término da competição, dois dias depois da publicação, a seleção brasileira se sagrou pentacampeã mundial contra a equipe alemã, mesmo com a ausência do atacante Romário, lamentada pela colunista no mesmo texto<sup>16</sup>. A visão sobre o Mundial merece ser mais aprofundada.

Isso se deve, principalmente, às semelhanças com o conjunto do trabalho da filósofa. Em vez de enfrentar a delegação na Ásia como uma representação de uma nação indivisível - que dos torcedores só mereceria a torcida acrílica apesar dos desmandos das

---

12 Ibidem.

13 Ibidem.

14 Com o título “Penta”, a coluna foi publicada na pág. 5 da edição de 28 de junho de 2002 do Correio Braziliense.

15 Ibidem.

16 Ibidem.

autoridades responsáveis pela gestão do esporte -, a autora defende a reflexão enquanto alimenta esperanças de bons resultados. Emerge, assim, um modo de torcer cuidadoso, questionador e até provocador que vai reaparecer nos registros. Destaque na conquista da Copa do Mundo sediada por sul-coreanos e japoneses, o também centroavante Ronaldo provocaria um breve comentário na coluna três anos depois.

Na edição de 4 de junho de 2005, Carneiro se remeteu a estatísticas para dar conta dos impasses impostos ao país: “Estimam em 53,9 milhões o número de pobres, dos quais 44% são negros e 20,5% são brancos. Isso corresponde a aproximadamente 24 milhões de negros e 11 milhões de brancos”, destrinchou a colunista.<sup>17</sup> O recorte segue como mote, mas é acompanhado de mordacidade - “Suspeito que, entre os 11 milhões de brancos pobres, encontram-se muitos como Ronaldo, o Fenômeno, que até se iniciar no futebol também era branco, segundo ele, e pobre, conforme sua história de vida”.<sup>18</sup> A avaliação se relaciona às declarações que o jogador havia feito à época a respeito da questão racial.

Os Jogos Olímpicos disputados na Grécia motivaram o texto de 6 de setembro de 2004, em que a desaprovação se volta para os executivos - dessa vez, para aqueles que controlavam a comunicação<sup>19</sup>. Carneiro vai a fundo na simplificação realizada pela cobertura esportiva e reconhece nos procedimentos, principalmente televisivos, mecanismos para fortalecer estereótipos. A coluna enalteceu as espontâneas reações da ginasta Daiane dos Santos e do maratonista Vanderlei Cordeiro, que desviavam dos padrões observados no período<sup>20</sup>. O enquadramento de raça novamente está presente: “[Uma matéria na TV] teve como título ‘As atletas abandonadas’. Referia-se a quatro mulheres negras, fundistas, que estavam em Atenas sem técnicos, ajudando-se mutuamente, treinando umas às outras por ausência de suporte institucional e logístico”.<sup>21</sup>

A autora demonstra não se conformar com essa negligência e as reprovações se destinam aos gestores do esporte de alto rendimento na mesma seção. “A seleção feminina de futebol, contando quase exclusivamente consigo mesma e com a determinação e sensibilidade de um técnico - que relatou que sequer dispunha de um instrumento de

17 Coluna publicada na pág. 19 da edição de 4 de junho de 2005 do Correio Braziliense, com o título “Que país é esse?”.

18 Ibidem.

19 Com o título “Olimpíadas”, a coluna foi publicada na pág. 15 da edição de 6 de setembro de 2004 do Correio Braziliense.

20 Ibidem.

21 Ibidem.

informática adequado que lhe permitisse estudar a performance das adversárias - alcança medalha de prata.”<sup>22</sup> A pátria de gravata, dessa vez, compreende um grupo mais amplo de executivos. “Do seu lado hegemônico mantêm-se as velhas e carcomidas práticas: da mídia e gestores públicos a dirigentes esportivos persistem o ufanismo demagógico e oportunista.”<sup>23</sup> De acordo com a filósofa, todos “pegam carona nos esforços individuais de atletas sobre cujos feitos não têm nenhuma responsabilidade, a não ser a de não lhes dar, de regra, o apoio e reconhecimento de que carecem”.<sup>24</sup>

A violência de agentes do Estado é revisitada na edição de 13 de fevereiro de 2006. Carneiro descreve um episódio que sintetiza esporte, questão racial e violência policial: “Durante uma partida de futebol ocorrida no dia 4 de dezembro de 2005, no clube dos Oficiais da PM de São Paulo, o coronel Antônio Chiari recebe o cartão amarelo do juiz José de Andrade Neto”.<sup>25</sup> O militar rechaçou a advertência. “Ensandecido, o coronel reage à punição agredindo racialmente o juiz: ‘Você tinha de ser dessa cor de merda para fazer isso!’, grita, passando os dedos pela pele do braço”.<sup>26</sup> As agressões prosseguem: “‘Preto! Macaco! Olha a sua pele, cor de merda!’, é o que diz o coronel e, em consequência, é expulso da partida. Diz o juiz que a cena provocou nele uma espécie de ‘apagão’”.<sup>27</sup>

O ataque contra o árbitro causou confusão entre os associados, mas a vítima não se calou. “Um detalhe adicional: ao saber que ele pretendia tratar o caso judicialmente, e como crime de racismo, o coronel manifestou interesse em ter com ele uma conversa.”<sup>28</sup> Depois das ofensas, o policial marcou um encontro em tom de ameaça. “Dela o juiz destaca uma observação inusitada do coronel, que provoca sua surpresa: ‘Achei estranho ele perguntar se eu sabia que ele tinha sido comandante da Rota’”.<sup>29</sup> Precisamente Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar (Rota), tropa notória pelo seu alto grau de letalidade em São Paulo. Relatos jornalísticos documentaram até execuções sumárias do destacamento (Barcellos, 2003).

---

22 Ibidem.

23 Ibidem.

24 Ibidem.

25 Coluna publicada na pág. 13 da edição de 11 de fevereiro de 2006 do Correio Braziliense, sob o título “Cartão vermelho”.

26 Ibidem.

27 Ibidem.

28 Ibidem.

29 Ibidem.

Carneiro caracteriza o caso como exemplar, porque “expõe a sofisticada teia de instrumentos acionados em situações de conflito racial no Brasil. A nossa tradicional carteirada, ou o ‘você sabe com quem está falando’, articulam, nesse caso, cor e patente, significando a certeza de impunidade”.<sup>30</sup> As formas de violência não terminam com a tentativa de intimidação - “Segue-se à carteirada a desqualificação da motivação da vítima: insinuou-se que, sendo ele alguém que ‘nunca teve nada’ estaria visando obter dinheiro”.<sup>31</sup> A filósofa evoca elementos do esporte para concluir a coluna. “Um cartão vermelho despertou a consciência desse árbitro negro. Cada negro encontra o seu ao longo da vida.”<sup>32</sup> A percepção não é carregada de uma aura de anunciação, como epifania.

Pode ser, em oposição, pesarosa: “Muitos tornam-se daltônicos porque não raro o despertar da consciência e a realização dos gestos que ela necessariamente impõe podem equivaler, em diferentes níveis, a um cartão vermelho à vida”.<sup>33</sup> O episódio no clube militar é ilustrativo das dimensões das violências que são reproduzidas e serve para que Carneiro pontue, em paralelo, os ataques agudos e as reações igualmente altivas em torno da discriminação. Opressão e resistência se apresentam em cena única, que ao mesmo tempo evoca as elaborações teóricas da filósofa e estimula uma coluna que combina futebol e crítica social, em ofensiva contra o racismo no Brasil.

À luz do dispositivo de racialidade, a experiência ganha contornos mais nítidos. Então, vale a pena recorrer às formulações da filósofa - “A composição do dispositivo de racialidade com o biopoder se torna mecanismo de dupla consequência: promoção da vida dos brancos e multicídios de negros” (Carneiro, 2023, p. 85). A negação de condições mínimas, portanto, é intimamente vinculada à maior oferta de oportunidades. “Afigura-se a inclusão prioritária e majoritária dos racialmente eleitos nas esferas de reprodução da vida – ao mesmo tempo a inclusão subordinada e minoritária dos negros que eventualmente sobreviveram às tecnologias de morte.” (Ibidem) É oportuno afirmar que deriva dessa constatação a proposta para romper com o arranjo racial em vigor.

---

30 Ibidem.

31 Ibidem.

32 Coluna publicada na pág. 13 da edição de 11 de fevereiro de 2006 do Correio Braziliense, sob o título “Cartão vermelho”

33 Ibidem.

## RESULTADO FINAL DA OBRA CIVILIZATÓRIA: CONCLUSÕES E RECONSIDERAÇÕES

É contra a vulgarização da democracia racial, principalmente por conta dos silêncios que essa retórica promove, que Sueli Carneiro se porta enfaticamente em 28 de junho de 2004<sup>34</sup>. A coluna, desde o título, caracteriza como viúvas de Gilberto Freyre aqueles que ainda ignoravam que as diferenças entre negros e brancos precisavam ser realçadas com o intuito de que as iniquidades ficassem evidentes<sup>35</sup>. A defesa de que essa diferenciação promoveria a escalada de preconceitos e cizânias é o alvo preferencial na ocasião, uma vez que esse traço protegia privilégios brancos, evidentes no país desde a colonização. No texto, a denúncia é de que essa defesa teria sido escancarada por um jornalista que conservava até com alguma inclinação a pautas sociais<sup>36</sup>.

O vínculo do futebol brasileiro com o ideal de democracia racial é resgatado por outros escritos. A despeito de serem identificados diretamente com o entretenimento, é permitido notar que os atletas que praticam profissionalmente a modalidade mesclam muitos dos estereótipos elencados por Carneiro: a idolatria, o perfil atlético com o uso do corpo e o *status* de bem-sucedido levam a essas amálgamas. Mesmo em contextos que transcendam o *Correio Braziliense*, a altivez contra a discriminação se conserva. Em outro trabalho, inclusive, esse êxito é colocado em xeque. Quando se dedica à interpretação enviesada de veículos de imprensa sobre a condescendência com os escândalos de corrupção, a autora retorna às estigmatizações feitas nos últimos séculos: as informações deixam evidente a depreciação de negros e nordestinos (Carneiro, 2019, p. 199).

No texto, a filósofa elege como contraponto a esse menosprezo Milton Santos, geógrafo negro premiado internacionalmente, mas ainda pouco celebrado no Brasil. O exemplo derruba a pretensa inferioridade e reacende a discussão acerca da forma como a população negra é enquadrada em estereótipos (Carneiro, 2019). Reafirma a autora: “Clóvis Rossi, em artigo na *Folha de S. Paulo*, afirmou que os únicos profissionais brasileiros respeitados internacionalmente são os nossos jogadores de futebol, aos quais se atribui inegável expertise. São eles, na maioria, negros” (2019, p. 201-202).

34 Com o título “As viúvas de Gilberto Freyre”, a coluna foi publicada na pág. 13 da edição de 14 de março de 2005.

35 Ibidem.

36 Na edição de 14 de março de 2005 do *Correio Braziliense*, as críticas são endereçadas ao jornalista Luís Nassif, muito identificado com os valores de esquerda.

Ao citar depois a declaração de um representante do governo federal que reforçava a estigmatização, rebate com ironia - “É o resultado final da obra civilizatória. Adorei!” (2019, p. 202).

Existe, contudo, uma tênue permanência de lutas políticas nos registros, que impede a fratura total por parte de Carneiro: os elogios póstumos ao ex-governador do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro Leonel Brizola, publicados pela autora no *Correio Braziliense* em 28 de junho de 2004, sinalizam a continuidade com uma tendência partidária histórica<sup>37</sup>. O político gaúcho, que manteve as inclinações trabalhistas no cenário partidário após a redemocratização, é elogiado por feitos concretos contra o preconceito - a despeito de declarações que iam na contramão das decisões práticas<sup>38</sup>. O enaltecimento da trajetória a partir da seção, que se fixou como tão crítica à branquitude, não deve ser negligenciado.

Sobretudo porque trabalhistas assumem como herança o legado do presidente Getúlio Vargas (Gomes, 2006), representante político que se serviu muitas vezes do horizonte da conciliação entre raças (Velloso, 1987). Mesmo assim, Carneiro reconsidera essa tradição muito por conta de Nascimento, igualmente homenageado no *Correio Braziliense*<sup>39</sup>: o intelectual negro chegou ao Senado Federal como representante do Partido Democrático Trabalhista (PDT), portanto, no seio do brizolismo. Carneiro reconhece que a legenda manteve considerável abertura ao antirracismo no momento imediatamente após o fim da ditadura civil-militar, superior até à de outras siglas atentas a demandas sociais (2024).

Essa atitude diante de Brizola aponta para a ponderação da autora. A mensuração da violência contra negros no Brasil não assume como medida atributos naturais. Em outras palavras, é a configuração política que dá forma a essas lutas - não há essência na experiência a partir dessas leituras - e a constatação é inescapável para enxergar os conflitos travados no país. Carneiro enuncia isso nitidamente em entrevista. “O movimento negro instituiu que negro é igual à somatória de negro mais pardo. A minha geração fez

37 O *Correio Braziliense* publicou a coluna de Sueli Carneiro, sob o título “Tributo”, na pág. 11 da edição de 28 de junho de 2004.

38 O texto faz referências aos comentários depreciativos, feitos publicamente pelo político, embora reconheça que sua decisão de colocar um negro pela primeira vez na liderança da Polícia Militar do Rio de Janeiro foi paradigmática.

39 O *Correio Braziliense* publicou a coluna de Sueli Carneiro, sob o título “Tributo”, na pág. 11 da edição de 28 de junho de 2004.

essa engenharia política. E nós dissemos: tudo que estiver dito aí que é preto e pardo, para nós, é negro.”<sup>40</sup> A estratégia precisou superar uma categoria rígida para conjugar esforços, formar maiorias e solidificar o enfrentamento contra essas ininterrupções, em muitos sentidos, da escravidão.

O fundo conceitual de que Carneiro faz uso justifica a fuga de qualquer essencialismo: Foucault está atento ao conjunto estratégico disciplinar e coercitivo a que são submetidos os corpos quando oferece o seu dispositivo da sexualidade ao escapar da hipótese da repressão (1999). A filósofa brasileira, em contrapartida, sublinha esse caráter mais dinâmico para conseguir entender como a construção do negro, o outro no Brasil, permaneceu baseada na violência mesmo depois da Proclamação da República e do fim da abolição formal da escravatura (Carneiro, 2022). Esse dinamismo é notado nas colunas do *Correio Braziliense*, quando a autora foi instada a tratar de acontecimentos no calor do momento.

A descrição do dispositivo da racialidade se baseia na experiência educacional no país e, ao acompanhar as vivências de ativistas, detecta uma decisiva ambivalência do ensino: ao mesmo tempo que são carregados de violências, do preconceito dos professores aos ambientes opressivos nas escolas, os processos pedagógicos oferecem ferramentas para transformações da sociedade, em dinâmica fortemente transgressora (Carneiro, 2023). Em suma, a educação tem caráter repressor e vocação para a liberdade - simultaneamente. É uma perspectiva avessa à dicotomia, que escapa de moralismos: os dois polos não se anulam e os estudantes são submetidos a ambas as dimensões.

As colunas induzem à conclusão de que o futebol também pode ser enxergado assim. É um vetor para conscientização a respeito da urgência por políticas de reparação e igualdade racial, mas preserva iniquidades por conta de decisões políticas aquém do potencial do esporte. Distante de maniqueísmos, a pátria de gravata e a de chuteiras se reconciliam nas ambiguidades brasileiras. O gesto inicial de examinar como o universo futebolístico atravessa Carneiro estimula outros na mesma direção, que levem em consideração escritos acadêmicos ou de participação política, para a compreensão do pensamento da autora perante a modalidade. Esses múltiplos sentidos sugerem o potencial dos futuros estudos.

---

40 Registro em áudio disponível em: <<https://bit.ly/3MSuSl0>>. Acesso em 18 de abril de 2023.

## REFERÊNCIAS

### BIBLIOGRAFIA:

ALMEIDA, J. “O Povo é Flamengo. Como todo respeito, é time de preto. É de quem tem menos dinheiro”. In: HERBERT NETO, H. **Conte comigo: Flamengo e Democracia**. São Paulo: Editora Ludopédio, 2022, p. 65-78.

BARCELLOS, C. **Rota 66: a polícia que mata**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.

BARTHOLO, T. L.; SOARES, A. J. G; SALVADOR, M. A. S.; DI BLASI, F. A Pátria de Chuteiras está desaparecendo? *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas, v. 32, n. 1, p. 9-23, setembro 2010, p. 9-23.

CARNEIRO, S. A obra civilizatória. In: CARNEIRO, S. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Pólen, 2019, p. 199-202.

CARNEIRO, S. **Dispositivo da Racialidade - A construção do outro como não ser como fundamento do ser**. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

CARNEIRO, S. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Pólen, 2019.

CARNEIRO, S. *et all.* **Pensée féministe décoloniale: Panorama du féminisme décolonial d’Amérique latine**. Paris, Anacaona, 2022.

CARNEIRO, S. **Lélia González: um retrato**. Rio de Janeiro: Zahar, 2024.

CARNEIRO, S. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2011.

ERIBON, D. **Michel Foucault**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade - A Vontade de Saber (Volume 1)**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

FRATESCHI, I. A Filosofia Prática de Sueli Carneiro. In: CARNEIRO, S. **Dispositivo da Racialidade - A construção do outro como não ser como fundamento do ser**. São Paulo: Companhia das Letras, 2023, p. 373-388.

FREYRE, G. **Casa-Grande & Senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. São Paulo: Global Editora, 2003.

FREYRE, G. “Foot-ball Mulato”. In: **Diário de Pernambuco**. Recife, 17 de junho de 1938, p. 4.

GOMES, A. C. **A invenção do trabalhismo**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

GONZÁLEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GUMBRECHT, H. U. “Dança dionisiaca”? Estilos nacionais no futebol latino-americano. **Projeto História**, São Paulo, n. 49, 2014, p. 157-164.

HELAL, R. SOARES, A. J. O Declínio da Pátria de Chuteiras: futebol e identidade nacional na Copa do Mundo de 2002. Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. **Anais...** Recife, 2003, p. 1-19.

HELAL, R.; CABO, A. Copas do Mundo: o que elas nos ensinam sobre o Brasil. In: **Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014, p. 7-12.

HERBERT NETO, H. Complexo processo de interinfluências - Lélia González e os estudos sobre cultura popular nos anos 1970. Brasília, **E-Compós**, v. 28 jan-dez, 2025, p. 1-24.

HERBERT NETO, H. Dansa Dyonisiaca: futebol brasileiro, Dionísio nietzscheano. **Cadernos Nietzsche**. Guarulhos/Porto Seguro, v.42, n.3, setembro/ dezembro, 2021, p. 69-88.

HERBERT NETO, H. Gullar, precário filosofar: o poeta-colunista e o futebol nos anos 2000. **FuLiA/UFMG**, Belo Horizonte/MG, Brasil, v. 9, n. 3, p. 179-198, 2024a.

HERBERT NETO, H. O único reino em que o povo sente a sua pátria. In: VIDAL, A. (Org.). **Darcy Ribeiro: intelectualidade e pensamento crítico latino-americano**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2023, p. 411-432.

HERBERT NETO, H. **Palavras em Jogo**. São Paulo: Editora Dialética, 2024b.

HERBERT NETO, Helcio. Sabotagem: o futebol de Torquato Neto em Vida, Paixão e Banana do Tropicalismo. **MATRIZES**, São Paulo, Brasil, v. 18, n. 2, p. 279-294, 2024c.

HOLLANDA, B. B. B. **O Clube como Vontade e Representação - O jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

MARTINS, F. **Quem foi que inventou o Brasil? A música popular conta a História da República. Volume III**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

NASCIMENTO, A. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um Racismo Mascarado**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016.

OLIVEIRA, A. O evangelho marginal dos Racionais MC's. In: **Sobrevivendo no Inferno (Racionais MC's)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 19-41.

PINHEIRO-MACHADO, R.; SCALCO, L. M. Da esperança ao ódio: juventude periférica bolsonarista. In: SOLANO, E. G. **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil**. São Paulo: Editora Boitempo, 2018, p. 53-61.

RAMOS, G. **Negro sou. A questão étnico-racial e o Brasil: ensaios, artigos e outros textos (1949-1973)**. Rio de Janeiro: Zahar: 2023.

RAMOS, R. **Futebol: ideologia do poder**. Petrópolis: Vozes, 1984.

RIBEIRO, D. **O Povo Brasileiro - A formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2014.

RODRIGUES FILHO, M. **O Negro no Futebol Brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

RODRIGUES, N. **A Pátria de Chuteiras**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

RODRIGUES, N. **O reacionário**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021.

SANTANA, B. **Continuo preta: A vida de Sueli Carneiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

SANTOS, J. R. **História política do futebol brasileiro**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

SOARES, A. J. Futebol brasileiro e sociedade: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre. **Futbologías. Fútbol, identidad y violencia en América Latina (CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales)**. Buenos Aires, 2003, p. 145 - 162.

TAPERMAN, R. **Se liga no som: as transformações do rap no Brasil**. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

VELLOSO, M. P. **Os Intelectuais e a política cultural do Estado Novo**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, Centro de Pesquisa e Documentação, 1987.

VEYNE. P. **Michel Foucault: seu pensamento, sua pessoa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

## **PUBLICAÇÕES NA IMPRENSA:**

CARNEIRO, S. As viúvas de Gilberto Freyre. *Correio Braziliense*. Brasília, 14 de março de 2005, p. 13.

CARNEIRO, S. Cartão Vermelho. *Correio Braziliense*. Brasília, 13 de fevereiro de 2006, p. 11.

CARNEIRO, S. Juventude Negra. *Correio Braziliense*. Brasília, 7 de novembro de 2003, p. 17.

CARNEIRO, S. Nós?. *Correio Braziliense*, Brasília, 22 de fevereiro de 2002, p. 5.

CARNEIRO, S. O Brasil e os direitos humanos. Correio Braziliense. Brasília, 26 de julho de 2002, p. 5.

CARNEIRO, S. Olimpíadas. Correio Braziliense. Brasília, 6 de setembro de 2004, p. 15.

CARNEIRO, S. Penta. Correio Braziliense. Brasília, 28 de junho de 2002, p. 5.

CARNEIRO, S. Que país é esse? Correio Braziliense. Brasília, 4 de junho de 2005, p. 19.

CARNEIRO, S. Só Deus. Correio Braziliense. Brasília, 9 de agosto de 2002, p. 5.

CARNEIRO, S. Tributo. Correio Braziliense. Brasília, 28 de junho de 2004, p. 11.

### REGISTROS SONORO, VISUAL E AUDIOVISUAL:

Entrevista com Sueli Carneiro (Mano a Mano com Mano Brown | Original Spotify). Disponível em: <<https://bit.ly/3MSuSl0>>. Acesso em 18 de abril de 2023.

Episódio 2 - Série Inventores do Brasil (Canal Brasil). Disponível em: <[canaisglobo.globo.com/assistir/c/p/v/5003116/](https://canaisglobo.globo.com/assistir/c/p/v/5003116/)>. Acesso em 8 de dezembro de 2024.

Sueli Carneiro e Abdias Nascimento. Acervo Sueli Carneiro. Disponível em: <[acervo.casasueli-carneiro.org.br/item/arquivo/asc\\_004805](https://acervo.casasueli-carneiro.org.br/item/arquivo/asc_004805)>. Acesso em 5 de julho de 2024.

### SOBRE O AUTOR

**HELICIO HERBERT NETO** é Doutor em História Comparada (UFRJ) e mestre em Comunicação (UFF), é formado em Filosofia (UERJ) e Jornalismo (UFRJ). Atualmente, desenvolve pesquisas sobre cultura popular no âmbito do pós-doutorado. Este estudo foi financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e pela FAPERJ - Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, Processo SEI -260003/005791/2022.

Artigo recebido em: 12 de dezembro de 2024.

Artigo aceito em: 07 de junho de 2025.